

# 1

Eram oito da manhã — a hora em que normalmente os oficiais, os funcionários e os veraneantes de fora, depois de uma noite de calor e abafos, faziam o seu banho de mar antes de irem ao pavilhão tomar chá ou café. Ivan Andréitch Laévski, de vinte e oito anos, loiro, magro, de chinelas e boné do Ministério das Finanças, chegou à praia e, entre os muitos conhecidos que lá estavam, encontrou o seu amigo Samóilenko, médico militar.

Este Samóilenko, com a sua grande cabeça de cabelo curto, sem pescoço, vermelho, narigudo, as sobrancelhas negras e felpudas, as suíças grisalhas, mais do que gordo — obeso, e ainda por cima com uma voz de baixo rouca, de caserna, causava em qualquer recém-chegado o desagradável efeito de um grosseirão roufenho; mas, dois ou três dias depois do primeiro embate, a cara do homem começava a parecer incrivelmente bondosa, simpática, até bonita. Apesar da figura desajeitada e do tom rude, era um homem complacente, de infinita bonomia, benévolo, responsável. Era tu cá, tu lá com a cidade inteira, emprestava dinheiro a todos, cuidava-lhes da saúde, arranjava casamentos, reconciliava os desavindos, organizava piqueniques onde grelhava espetadas e fazia uma sopa de mugens saborosíssima; passava a vida a pedir por alguém, e encontrava sempre motivos de alegria. Reinava a opinião geral de que era um homem sem pecados, que tinha apenas dois pontos fracos: primeiro, envergonhava-se da sua bondade e tentava disfarçá-la com um olhar severo e uma grosseria fingida; segundo, gostava de ser tratado por «vossa excelência» pelos auxiliares médicos e

pelos soldados, embora tivesse apenas a graduação de conselheiro de Estado<sup>1</sup>.

— Vou fazer-te uma pergunta, Aleksandr Davíditch — começou Laévski, quando ambos, ele e Samóilenko, já tinham avançado pelo mar dentro e a água lhes dava pelos ombros. — Digamos que te apaixonavas por uma mulher e que vos juntáveis os dois; que já vivíeis juntos, digamos, há mais de dois anos e que depois, como acontece tantas vezes, deixavas de a amar e começavas a sentir que ela era uma estranha para ti. O que farias neste caso?

— É muito simples. Ala, mãezinha, vai para onde te der na gana, que isto acabou.

— É fácil de dizer! Mas se ela não tem para onde ir? Se é uma mulher sozinha, sem família, sem um tostão, que não sabe trabalhar...

— E depois? Quinhentos rublos de uma vez, toma lá!, ou então aos poucos, vinte e cinco mensais, e acabou-se a conversa. Muito simples.

— Digamos que dispões de quinhentos rublos, ou de vinte e cinco por mês, mas que a mulher em questão é culta, orgulhosa. Atrevias-te a oferecer-lhe dinheiro? E como abordavas isso?

Samóilenko já ia a responder quando um repentino vagalhão desabou em cima deles, bateu na margem e rolou com estrépito pelos seixos. Os amigos saíram da água e começaram a vestir-se.

— É claro que é difícil viveres com uma mulher quando não a amas — disse Samóilenko, sacudindo a areia da bota. — Mas, Vânia, é preciso raciocinar humanamente. Se fosse comigo, não deixaria perceber que já não a amava, viveria com ela até morrer.

Logo se envergonhou das suas palavras; apressou-se a acrescentar:

— Por mim, o melhor é não haver mulheres. Que se amolem as mulheres!

Os amigos vestiram-se e foram para o pavilhão. Aqui, Samóilenko era um cliente familiar, tinha até uma loiça especial só para ele. Todas as manhãs lhe serviam uma chávena de café, um copo alto facetado com água e gelo, e um cálice de conhaque; Samóilenko bebia primeiro o conhaque, depois o café quente, depois a água gelada, e tudo isso, pelos vistos, o regalava porque, depois de beber,

ficava com uns olhos como óleo, afagava as suíças e, olhando para o mar, dizia:

— Que vista incrivelmente magnífica!

Já Laévski, depois de uma noite longa perdida em cogitações tristes e vãs que não o deixavam dormir e, como lhe parecia, agravavam ainda mais o afogo e a escuridão nocturnos, sentia-se derreado e mole. O banho de mar e o café não melhoraram o seu estado.

— Voltemos à nossa conversa, Aleksandr Davíditch — disse. — Não vou esconder-te nada e digo-te sinceramente, como amigo: as coisas com a Nadejda Fiódorovna vão mal... muito mal! Desculpa abrir-me contigo, mas preciso mesmo de desabafar.

Samóilenko, desconfiando já do que se tratava, baixou os olhos e pôs-se a tamborilar na mesa com os dedos.

— Vivo com ela há dois anos e deixei de a amar... — continuou Laévski —, ou antes, vale mais dizer que nunca houve amor... Estes dois anos foram um engano.

Laévski, nas conversas, tinha o hábito de examinar com atenção as palmas das suas mãos rosadas, de roer as unhas e de amarfanhar com os dedos os punhos da camisa. Assim fazia também agora.

— Sei perfeitamente que não podes ajudar-me — disse ele —, mas falo contigo porque, para um «homem a mais»<sup>2</sup> azarento como eu, não há outra salvação que não seja a conversa. Tenho de generalizar cada coisa que faço, de encontrar explicação e justificação para a minha vida absurda nas teorias deste ou daquele, neste ou naquele tipo literário, na afirmação, por exemplo, de que nós, a nobreza, estamos a degenerar, e assim por diante... Na noite passada, por exemplo, a minha consolação foi pensar: ah, Tolstói tem toda a razão, uma razão implacável! E senti-me aliviado com isso. Efectivamente, ele é um grande escritor, meu amigo! Palavras para quê...

Samóilenko, que nunca tinha lido Tolstói mas que todos os dias planeava lê-lo, embarçou-se e disse:

— Sim, os escritores, geralmente, partem da imaginação, e ele directamente da realidade...

— Meu Deus — suspirou Laévski —, até que ponto somos estropiados pela civilização! Apaixonei-me por uma mulher casada; ela também se apaixonou por mim... No princípio, eram os beijos e as noites silenciosas, e as juras de amor, e Spencer, e os ideais, e os

interesses comuns... Que falsidade! No fundo, fugíamos do marido dela, mas mentíamos a nós mesmos dizendo que fugíamos do vazio, da nossa vida de intelectuais. O nosso futuro afigurava-se-nos assim: primeiro, no Cáucaso, enquanto nos ambientamos ao lugar e conhecemos as pessoas, eu visto a minha farda de funcionário e vou ao serviço; depois, livres de tudo, arranjamos um lote de terra e trabalhamos com o suor do nosso rosto, plantamos uma vinha, semeamos um campo, etc. Se estivesse no meu lugar, ou esse teu amigo zoólogo von Koren, se calhar viverias com a Nadejda Fiódorovna durante trinta anos e deixarias para os herdeiros uma rica vinha e vários milhares de jeiras de milheiral; ora, eu senti que falhava desde o primeiro dia. Na cidade, é o calor insuportável, o tédio, a falta de gente viva; quando vamos para o campo, imaginamos aranhões, licranços ou cobras debaixo de cada pedra ou arbusto, e que, para lá do campo, há só deserto e montes. Gente que nos é alheia, natureza que nos é alheia, uma cultura miserável... tudo isso, meu amigo, não é tão fácil como passear de peliça na Avenida Névski, de braço dado com a Nadejda Fiódorovna, sonhando com as terras quentes. Aqui é necessária a luta de vida ou de morte, mas que combatente sou eu? Sou um miserável neurótico, de mãozinhas mimosas... Percebi desde o primeiro dia que as minhas ideias sobre o trabalho, sobre a vinha, são disparates. Quanto ao amor, devo dizer-te que viver com uma mulher que leu Spencer e foi contigo para o extremo do mundo é tão desinteressante como viver com uma qualquer Anfissa ou Akulina<sup>3</sup>. O mesmo cheiro a ferro-de-engomar, a pó-de-arroz e a medicamentos, os mesmos papelotes todas as manhãs e a mesma ilusão...

— Na economia doméstica não se pode passar sem o ferro-de-engomar — disse Samóilenko, corado por Laévski falar tão confidencialmente com ele de uma senhora sua conhecida. — Tu, Vânia, estás hoje de mau humor, já vi. A Nadejda Fiódorovna é uma senhora maravilhosa, culta, tu próprio és um homem de grandioso intelecto... É certo que não estão casados — continuou Samóilenko, deitando olhares de soslaio para as mesas vizinhas —, mas a culpa não é vossa e, além disso... é preciso rejeitar os preconceitos e estar à altura das ideias modernas. Eu próprio sou defensor do casamento civil, pois... Mas, na minha opinião, uma vez que se juntaram têm de continuar assim até à morte.

— Sem amor?

— Vou explicar-te — disse Samóilenko. — Há uns oito anos, tínhamos cá um agente de viagens, um velhinho de grandioso intelecto. Costumava ele dizer: na vida familiar, o principal é a paciência. Ouviste, Vânia? Não é o amor, é a paciência. O amor não pode durar muito. Viveste dois anos de amor, mas agora, pelos vistos, a tua vida familiar entrou no período em que, para manteres o equilíbrio, tens de fazer uso, por assim dizer, de toda a tua paciência...

— Acreditas no teu velhinho agente, mas, quanto a mim, o conselho dele é absurdo. O teu velhinho podia ser um hipócrita, podia estar a exercitar-se em paciência e, para isso, ver a pessoa não amada como um objecto para os seus exercícios, mas eu ainda não caí tão baixo; se me apetecer fazer exercícios de paciência, compro uns pesos de ginástica ou um cavalo rebelde, mas deixo em paz as pessoas.

Samóilenko pediu vinho branco com gelo. Bebido o primeiro copo, Laévski perguntou de repente:

— Diz-me, por favor, o que significa amolecimento cerebral?

— É... como te explicar?... É uma doença em que o cérebro fica mole... como que se liquidifica.

— Tem cura?

— Tem, se for tratado a tempo. Chuveiros frios, emplastros de cantáridas... e umas coisas mais para o interior.

— Pois... Então, repara na minha situação. Viver com ela não posso: está acima das minhas forças. Quando estou contigo posso filosofar, sorrir, mas em casa fico absolutamente sem acção. Sinto-me tão apavorado que, se me dissessem que tinha de continuar com ela nem que fosse mais um mês, parece que daria um tiro na cabeça. Ao mesmo tempo, não há maneira de me separar dela. Não tem ninguém, não sabe trabalhar, não tem dinheiro, eu também não tenho... Para onde é que ela pode ir? Onde se pode meter? Não vejo saída... Estás a ver a situação? Diz-me lá: o que hei-de fazer?

— Poois... — mugiu Samóilenko, sem saber o que responder. — Ela gosta de ti?

— Gosta, na medida em que, na idade dela e com o temperamento dela, precisa de um homem. Seria tão difícil para ela separar-se de mim como do pó-de-arroz ou dos papelotes. Eu sou parte integrante e indispensável do toucador dela.